

#/6

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

# ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

8.ª SÉRIE DAS PUBLICAÇÕES

VOLUME I



LISBOA  MCMXLV

# Arqueologia e História

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
DA  
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

1.<sup>a</sup> Série

*Arquivo de Architectura Civil — Jornal dos Architectos Portuguezes e Archeologos*, 10 fascículos (1865)\*.

2.<sup>a</sup> Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volume I (1876)\*, II (1880)\*, III (1882)\*, IV (1886)\*, V (1888)\* e VI (1890)\*.

3.<sup>a</sup> Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volume VII (1893)\* e VIII (1900)\*.

4.<sup>a</sup> Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volume IX (1901), X (1904) e XI (1907).

5.<sup>a</sup> Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volume XII (1900) e XIII (1913)\*.

6.<sup>a</sup> Série

*Arqueologia e História*, volumes I (1922)\*, II (1923)\*, III (1924) IV (1925), V (1926), VI (1928), VII (1929), VIII (1930), IX (1930) e X (1932).

7.<sup>a</sup> Série

*Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, volumes I (1934)\*, II (1936), III (1937), IV (1938), V (1941), VI (1942) e VII (1943).

Os volumes marcados com \* estão esgotados.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
BIBLIOTEC.  
N.º .....  
DATA .....

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

# ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

8.ª SÉRIE DAS PUBLICAÇÕES

VOLUME I



LISBOA  MCMXLV

BIBLIOTHECA  
DA  
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES  
Edifício Histórico do Carmo

Publicação subsidiada pelo Ministério  
da Educação Nacional

Este volume teve subsídio especial concedido pelo Instituto para a Alta Cultura

A Cultura Eneolítica do Sul da Espanha  
e suas Relações com Portugal

*Comunicação feita em assembleia geral de 7 de Fevereiro de 1945*

por Georg Leisner

## A Cultura Eneolítica do Sul da Espanha e suas Relações com Portugal

**A**S novas excavações efectuadas nos últimos anos por cientistas portugueses tanto em grutas naturais e artificiais como em póvoas eneolíticas e monumentos megalíticos forneceram grande número de novos materiais, que muito têm contribuído para um melhor conhecimento do neolítico e eneolítico em Portugal e que vêm confirmar e reforçar a noção já existente da importância da costa atlântica europeia nestes dois períodos.

Em face destes achados, surge naturalmente o desejo não só de os inserir no quadro geral da história das culturas ibéricas como ainda, dada a grande importância dos mesmos, de rever as teorias até agora apresentadas sobre o neolítico e o eneolítico da Península e suas consideráveis influências na maior parte do continente europeu.

Dos problemas que nos propomos tratar, o primeiro a apresentar-se-nos é o da cronologia relativa dos tipos architectónicos das sepulturas megalíticas. Poder-se-á ainda admitir a série cronológica estabelecida por Bosch-Gimpera e aceite por Äberg, — teoria esta que considera uma seqüência evolutiva perfeita e ininterrupta de todas as formas architectónicas, a começar nos pequenos dólmenes, e que, passando pelas sepulturas megalíticas de corredor e pelas de cúpula, vai até às cistas de pedra? Ou dever-se-ão antes distinguir nessa arquitectura correntes culturais diversas, que, não se seguindo numa cronologia absoluta, decorrem de certo modo inter-relacionadas? E, neste caso,

não serão algumas das formas intermediárias, em vez de testemunhos de um desenvolvimento progressivo, comprovativas sim da influência recíproca de tipos fundamentais, existentes a priori e paralelos?

Este primeiro problema trata, por conseguinte, da posição cronológica dos círculos culturais da costa marítima, com as suas diversas formas de sepultura de cúpula, a realização mais perfeita da câmara redonda, e dos monumentos megalíticos do interior, cujas tendências architectónicas são expressas mais distintamente em interiores de paredes rectilíneas.

Um segundo problema versará as variantes apresentadas pela sepultura de cúpula nos seus diferentes aspectos, como o da gruta artificial ou o da construção quer de pedras pequenas, quer ciclópeas.

Para os centros culturais do eneolítico português, tanto o das grutas naturais e artificiais como o dos monumentos megalíticos, há que resolver ainda o problema da sua afinidade e posição cronológica relativamente às culturas do Sueste da Península e do Oeste da Andaluzia. ¿Poder-se-á admitir ainda a prioridade absoluta da cultura megalítica portuguesa em tôdas as suas manifestações — teoria também defendida por Bosch-Gimpera? ¿Ou encontrar-se-ão entre o Leste e o Oeste raízes comuns que permitam admitir uma afinidade étnica e que, não obstante as formas variarem em pormenor, nos possam levar a crer na existência dum paralelismo cultural já em épocas remotas? Além disso, ¿quais serão as relações existentes entre a cultura de Los Millares e a de Palmela?

Baseado no vasto material neo- e eneolítico proveniente das excavações de Luiz Siret e George Bonsor e, ainda, nos resultados das investigações por mim próprio realizadas naquelas regiões, pretendo aqui esclarecer estes problemas, observados, portanto, sob pontos de vista mais gerais e exteriores a Portugal. Luiz Siret, como é sabido, muito pouco publicou dos resultados das suas investigações. Além disso, o espólio da indústria eneolítica, que êle tornou conhecido, encontra-se disperso por várias obras; e Siret nunca tentou sistematizá-la ou classificá-la em conjunto. Êste defeito é evidente e sente-se, sobretudo, no que diz respeito à architectura tumular. Poucos planos e estudos de Los Millares foram publicados e as sepulturas megalíticas do Sueste ficaram quasi ignoradas. Da Andaluzia, também até há pouco se conhecia apenas um pequeno número de sepulturas, se bem que gigantescas e notáveis, cuja cronologia, porém, se mantinha muito incerta, visto, na maior parte, pouca indústria conterem.

Até hoje, as culturas portuguesas destas épocas têm sido comparadas especialmente com a de Los Millares. Parece-me, porém, existir uma analogia mais profunda entre a cultura megalítica portuguesa e os restos mais antigos dos povos indígenas do Sueste. Segundo as investigações do Professor Mendes Correia, que chama a atenção para uma afinidade antropológica que denomina luso-valenciana, talvez seja lícito referir as causas dêste paralelismo cultural a raízes étnicas parcialmente comuns. Tal afinidade com o neolítico português aparece já no primeiro período da cultura de Almeria, onde se revela no grande número dos instrumentos de pedra pulida. O espólio desta fase arcaica, encontrado sobretudo em sepulturas redondas, é constituído por machados, enxadas e cunhas, de formas análogas, em alguns casos, às das grutas portuguesas e cuja semelhança, aliás, com tipos do círculo cultural danubiano já tinha sido demonstrada por Åberg<sup>(1)</sup>. Há ainda os braceletes de concha, também encontrados em grutas portuguesas, assim como pequenas hastes achatadas de osso e alguma cerâmica (Est. 1, sep. 1 e 2). Ora êste sector da indústria, podíamos-lo atribuir aos primeiros povos agricultores, ao passo que os micrólitos, que aparecem em tôdas as culturas arcaicas da Península, podem ser restos dos povos do Paleolítico e Mesolítico.

A segunda fase da cultura de Almeria traz como novidade sobretudo o ídolo antropomórfico de pedra chata, o qual, nas suas formas angulosas (Est. 2, n.º 31; Est. 4, sep. 1, n.ºs 35-37), aparece várias vezes sem a ponta de seta retocada<sup>(2)</sup>, pelo que mostra pertencer a espólios mais arcaicos. Isto mesmo concorda, aliás, com a opinião do Professor Manuel Heleno, que considera os báculos de xisto de forma angulosa mais antigos do que os exemplos arredondados. Êste último tipo (Est. 2, n.º 30) pertence, no Sueste, à época do vaso campaniforme. O facto do ídolo chato ser comum a ambos os círculos culturais indígenas, em contraste com os ídolos plásticos redondos pertencentes à cultura das sepulturas de cúpula, revela-nos ainda outra afinidade, esta entre a cultura de Almeria e a do Alentejo. De igual modo, a cerâmica, numa das formas mais antigas e frequentes — o pequeno pote alto (Est. 2, n.ºs 39, 46 e 47) — assemelha-se à cerâmica

---

(1) N. Åberg, *La Civilisation Néolithique dans la Peninsule Ibérique*. 1921, págs. 75 e 76; figs. 97 e 153.

(2) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber...*, Est. 1 Sep. 5.

das sepulturas de corredor do Alentejo. O mapa da distribuição do ídolo antropomórfico de pedra chata (Est. 3), que se apresenta em Portugal sob a forma de placas de xisto, indica o grande número destes ídolos a Sueste, na região das minas de prata dos arredores de Purchena. Ora este facto levamos a crer que já nesta época tivessem começado as relações entre o Leste da Península Ibérica e os círculos culturais do Mediterrâneo oriental. Também nas culturas agrícolas do Danúbio, os ídolos antropomórficos são considerados oriundos do Mediterrâneo. No Oeste da Península, as placas antropomórficas acumulam-se especialmente nas regiões do Tejo e do Guadiana, como se pode verificar pela Est. 3, na qual, aliás, não figuram ainda as placas recentemente encontradas em excavações nos concelhos ocidentais do Alentejo. Também na Serra Morena, muitas vezes junto de jazigos de prata e de chumbo, se encontram numerosas representações do ídolo almeriense pintadas sobre as rochas, formando assim um laço entre os ídolos do Leste e os de Portugal.

Na transição do segundo para o terceiro período da cultura de Almeria, aparecem as primeiras sepulturas de corredor<sup>(3)</sup> e, mais freqüentemente do que dantes, as pontas de seta retocadas e com pedúnculo. Tal como em Portugal, as pontas de seta pedunculadas são extraídas na grande maioria de uma faca, cujos vestígios — a aresta da parte superior e o plano inferior — se distinguem ainda no instrumento perfeito. Estas são também as características do círculo saariano (Est. 2, n.ºs 8-10; Est. 4, Sep. 1, n.ºs 12-17). Nas sepulturas deste grupo, aumentam as relações por um lado com as grutas artificiais mais antigas e, por outro, com os dólmenes de corredor e as grutas eneolíticas portuguesas. Testemunho dessas relações é, entre outros objectos, a cabeça de alfinete com sulcos paralelos (Est. 4, Sep. 2, n.º 9), que aparece várias vezes, assim como outros objectos ornamentados com caneluras (Est. 2, n.º 28). Os vasos achatados (Est. 4, Sep. 1, n.º 42; Sep. 2, n.ºs 17 e 18; Est. 8, n.ºs 23 e 24), encontrados igualmente nas grutas de Fôlha de Barradas, de Carenque e de Aljezur, são geralmente considerados vasos de suspensão, embora talvez tivessem sido munidos de um colo. Foram ainda en-

---

(3) Vide: parte do espólio da sepultura redonda de corredor do Llano de la Media Legoa, Fines, Prov. de Almeria. G. Leisner, «Probleme der östlichen Ausbreitung der portugiesischen Megalithkultur. In: *Ethnos*, Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, tómo II, Lisboa 1942, Est. V, A.

contrados exemplares com o colo pintado de vermelho (Est. 13, Sep. 2, n.º 15; Sep. 3). A placa de pedra ornamentada com uma cruz (Est. 2, n.º 27) tem analogias com outras encontradas em monumentos megalíticos de Portugal.

Siret exprime várias vezes a opinião de que as sepulturas dêste grupo deviam, possivelmente, ter sido contemporâneas da cultura de Los Millares e afirma que a causa das diferenças entre o aspecto mais arcaico e o mais avançado se deveria referir a factos não cronológicos mas sim étnicos. Este problema é importante para Portugal, porque, pelas analogias há pouco citadas, se relaciona com a cronologia das grutas artificiais. Nas sepulturas do Sueste acima citadas aparece pela primeira vez a pequena ponta de seta com base recta e côncava (Est. 4, Sep. 1, n.ºs 27 e 28), o que, comparado com o espólio das grutas artificiais mais antigas, onde esta forma também ainda é rara, parece indicar que o seu aparecimento no litoral do Leste e do Oeste possa ter sido simultâneo.

A sepultura de El Minguillo, na província de Córdoba, conserva a substrução duma rotunda dêste género: uma coroa de fortes pedras sustém o túmulo, no meio das quais ainda se conservam as lages do alto da câmara. Tem uma curta galeria (\*). Sepulturas dêste tipo, intermediárias da sepultura de cúpula e da câmara megalítica poligonal, existem também no Oeste, especialmente nas zonas limítrofes de Portugal e de Espanha. O mapa (Est. 5) indica quais os centros do litoral onde se encontram as sepulturas de cúpula e as regiões que apresentam as formas intermediárias do interior. Verificamos também que, quanto mais avançamos para o Norte, tanto mais as sepulturas dêste género se assemelham ao tipo megalítico, do qual sòmente se diferenciam pelo círculo mais perfeito, pela construção menos megalítica, isto é, com numerosas lages, e pelo elemento que hoje sempre lhes falta a cobertura.

As sepulturas de Los Millares podem dividir-se em dois grupos, obedecendo a divisão não só ao aspecto arquitectónico mas também às diferenças do espólio. No primeiro grupo estão incluídas as construções com um soco de lages, ao passo que as do segundo grupo são, na grande maioria, erigidas a partir do solo em obra sêca. Em ambas existe a cúpula. As sepulturas do primeiro grupo têm quasi sempre uma planta simples e sem anexos, uma

---

(\*) G. Leisner, op. cit. (*Ethnos* II, 1942. Est. I, III e IV).

galeria curta, dividida ou em duas antecâmaras fechadas e um átrio aberto, ou em três antecâmaras (Est. 6, Sep. 1).

O facto de se terem encontrado por vezes diversas camadas da cúpula conservadas até agora, e relacionada a curvatura por elas formada com a altura das colunas ainda existentes, leva-nos a supor que a abertura do teto deva ter sido relativamente espaçosa e, por conseqüência, provavelmente fechada com várias lages<sup>(5)</sup>. Esta maneira de construir o teto é absolutamente oposta à do megalitismo. E, embora a porta de lousa com um orifício, ao contrário do que sucede nas sepulturas de plano mais complicado, não seja de regra neste grupo de construções, encontra-se, porém, numas e noutras. Nestas últimas, encontram-se também portas construídas com ombreiras e padieira. Circundando a rotunda, estão colocadas ao alto uma ou mais coroas de pedra, uma delas freqüentemente a meia altura do túmulo. A existência de antepátios e de pequenos recintos que continham bétilos leva-nos a supor que o culto se efectuasse no exterior, em frente da sepultura. Acontece ainda, por vezes, que um espaço maior em redor do monumento foi demarcado por filas de pedras. O aspecto geral duma sepultura dêste tipo, que reúne, portanto, tôdas estas particularidades, aliás já descritas por Luiz Siret, pode ter sido o que nos revela a reconstrução da Est. 6, n.º 3. Essa é uma das alternativas da reconstrução; as medidas das coroas de pedra que se conservaram permitem-nos admitir ainda outros perfis tumulares, relacionáveis com construções da África setentrional e do Mediterrâneo central (Est. 6, n.º 2).

As sepulturas do primeiro grupo — com plantas simples — estão mais próximas da velha cidade de Los Millares e talvez seja lícito concluir já por isso que tenham sido as mais antigas. Nos seus espólios, reünem quási todo o material representativo do florescimento da cidade. Assim, temos: a pintura mural, as colunas, os ídolos e os vasos de pedra de esmerado trabalho, os machados e os cinzéis de cobre, a cerâmica com representações simbólicas (Est. A), os punhais e alabardas de sílex e grande número de pontas de sílex, típicas de Los Millares nas formas encontradas nas sepulturas 5, 7, 9 e 16 (Est. 6, n.ºs 1-27). Na cerâmica, encontramos relações com a cultura das grutas. A indústria lítica da pedra pulida falta; os poucos machados encontrados pertencem a sepulturas que sofreram influência da cultura de Almeria.

---

(5) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber . . .*, pág. 304.

Poder-se-ia estabelecer neste grupo uma ordenação mais pormenorizada. Há um certo número de sepulturas que têm relações visíveis com a cultura portuguesa, como, por exemplo, por apresentarem uma construção mais caracteristicamente megalítica, possuírem pontas de seta com formas semelhantes às de Palmela e placas de xisto (Est. 8, n.º 13; Est. 9, Sep. 1, n.º 31), terem também alabardas do tipo algarvio (Est. 8, n.º 8), além de vasos com ornamentação semelhante à das placas de xisto do Alentejo (Est. 8 n.ºs 17 e 22) e outras ainda afins dos da cultura megalítica portuguesa, não só pela forma mas também pela decoração com dois mamilos (Est. 8, n.º 21). Tais analogias com Portugal são ainda apresentadas por mais algumas sepulturas do interior de Almeria e da costa oriental. Encontram-se aí também grandes câmaras com seis ou mais metros de diâmetro, que se podem considerar formas intermediárias entre as cúpulas de Los Millares e as formas arquitectónicas mais antigas, afins dos grandes *tholoi* da ilha de Creta. Neste grupo se encontra a maioria dos vasos pintados, facto que constitue um outro laço com o Mediterrâneo oriental. Ainda a este grupo pertence a sepultura 12 de Los Millares, que tem relações com a de Alapraia — a sandália — e com a algarvia de Nora — o botão de marfim (Est. 9, Sep. 1, n.ºs 19 e 21). As sepulturas 5 e 9<sup>(6)</sup>, pelo contrário, revelam nitidamente a cultura típica de Los Millares, com machados de cobre, cerâmica simbólica, vasos de marfim e domínio das pontas de seta de base côncava. No primeiro período de Los Millares, os vasos campaniformes são raros; o tipo que se encontrou não é o das sepulturas do vale de Guadalquivir, mas o tipo mais simples, com estreitos anéis alternados, também encontrado na costa portuguesa e na Galiza. Conseqüentemente, pode-se concluir que a sua expansão se fez por via marítima.

Antes de falar do segundo grupo de Los Millares, quero ainda ocupar-me das sepulturas da Andaluzia ocidental, análogas às do primeiro grupo de Los Millares. São duas rotundas, de compridas galerias, típicas da arquitectura ocidental. O espaço utilizado na construção está encajado no calcáreo brando dos Alcores Sevillanos e foi revestido depois com lousas estreitas e delgadas (Est. 10). Mais do que nas construções de Los Millares, revela-se aqui uma afinidade de princípios arquitectónicos com as grutas artificiais, assim como relações com os silos da Andaluzia. As cuidadosas excavações de

---

(6) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber* . . . , Est. 13 e 16.

Jorge Bonsor permitem-nos separar nestas sepulturas inumações individuais. Interessam-nos entre estas sobretudo as da sepultura de la Cañada Honda G (Est. 10, Sep. 1), porque os esqueletos dobrados do povo do vaso campaniforme ficaram num local onde, evidentemente, devem ter sido colocados numa época posterior à das inumações do fundo da câmara anexa. O espólio destas últimas inumações é de algumas outras da sepultura B supra-citada conteve cerâmica lisa, um cinzel de cobre, um pequeno pote de marfim e pontas de seta mais finas (Est. 11, Sep. 1, n.º 18; Sep. 2, n.ºs 26, 8, 11 e 18-20), objectos que indicam uma cultura semelhante à de Los Millares.

Vergílio Correia comunicou um resultado análogo da sua exploração do *tholos* da Serra das Mutelas: as inumações acompanhadas de cilindros de pedra estavam ali no fundo da câmara e o esqueleto com vaso campaniforme, à entrada. Este facto podia talvez elucidar-nos da origem dos povos constructores destas sepulturas.

Partindo duma coincidência que se dá algumas vezes, podemos enumerar os objectos que, nas cúpulas da região de Sevilha, constituem o espólio tumular do povo do vaso campaniforme: duas pontas de seta do tipo mais tóscico (Est. 11, Sep. 1, n.ºs 3 e 4), cerâmica ornamentada exclusivamente do tipo campaniforme, pequenas fôlhas de ouro (Est. 11, Sep. 1, n.ºs 14-16) e, em épocas posteriores, punhais de cobre com lingüeta. Não se encontraram neste conjunto facas de sílex.

O plano da sepultura G (Est. 10, Sep. 1) é, aliás, de sumo interesse, porque, pelo facto de possuir uma grande câmara anexa, é o único que se pode comparar ao da célebre Cueva del Romeral. Nestas construções do primeiro grupo de Los Millares, isto é, de plano simples e substrução revestida de lousas delgadas, há indubitavelmente paralelos com a cultura de Palmela, assim como com a cultura do Algarve.

O segundo grupo de Los Millares caracteriza-se pelas complicadas plantas com numerosos pequenos anexos e a maioria das construções exclusivamente em obra seca, constituída em parte por lousas espessas. O soco é às vezes erigido com blocos ciclópeos (Est. 12, Sep. 1, perfis murais), tipo arquitectónico que constitue já uma transição para a época do bronze<sup>(7)</sup>. Nas

---

(7) J. Martinez Santa-Olalla, «Elementos para un Estudio de la Cultura de los Talayots en Menorca». In: *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria*, vol. 14, 1935, pág. 40 e segs.

galerias destas sepulturas aparece pela primeira vez o tóscio ensaio de construir uma abóbada de cunhas (Est. 12, Sep. 1). Não se encontram no espólio quási todos os objectos que enriqueceram o quadro cultural do primeiro grupo, isto é, a indústria rica do sílex e a arte de lavar pedra. Em vez da coluna redonda, encontram-se lousas simples, sôbre as quais se apoia o teto. Escasseiam também os machados de cobre, a cerâmica simbólica, as contas de materiais preciosos de importação e a arte plástica em marfim. Uma relação mais estreita com a cultura do vaso campaniforme, embora a cerâmica dêste tipo seja tão rara no segundo como no primeiro grupo, é revelada pela aparição do punhal de cobre com lingüeta, arma que acompanha muitas vezes o vaso campaniforme. Também no Sudoeste, as relações com esta cultura são mais nítidas nas sepulturas completamente construídas em obra sêca. A Cueva del Vaquero, na Andaluzia, também com câmara anexa<sup>(8)</sup>, é uma das sepulturas mais ricas em cerâmica dêste género. No Algarve, a sepultura 4 de Alcalá tem afinidades com êste grupo.

Os confrontos com sepulturas do interior do Sueste, quer sob o ponto de vista do espólio, quer sob o da arquitectura, levam-nos a afirmar que êste tipo arquitectónico do Sueste é em parte coevo da cultura de El Argar, facto que concorda com a opinião dos Senhores Eugénio Jalhay e Afonso do Paço de que a povoação de Vila Nova de S. Pedro se conservava ainda na época do bronze<sup>(9)</sup>.

Neste grupo de sepulturas, podem talvez incluir-se os *tholoi* portuguesas de Monge, na Serra de Sintra, e de Barro, perto de Tôrres Vedras (Est. F), que revelam também a transição para a arquitectura ciclópea e cuja construção pode ser comparada aos perfis da sepultura 24 do segundo grupo de Los Millares (Est. 12, Sep. 1). Além disso, ambos os monumentos se assemelham à arquitectura oriental, tanto pela curta galeria como pelo antepátio. A sepultura de Barro conteve punhais e pontas de cobre.

Se assim foi possível fixar uma época limite relativamente tardia para as culturas das sepulturas de cúpula, é-nos, porém, mais difícil precisar qual o início da cultura de Los Millares<sup>(10)</sup>. Em nossa opinião, a cidade deve ter sido

---

(8) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber...*, Est. 60.

(9) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, «A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro». *Brotéria*, vol. XXXVII, fasc. 1. Lisboa, 1943, pág. 26.

(10) M. Burkitt and V. G. Childe, «A Chronological Table of Prehistory». *Anti-*

fundada em data mais antiga do que a até agora aceite, de dois mil anos a. C., embora a data proposta pelo Professor G. Childe, de dois mil e quatrocentos anos a. C., não tenha até hoje indícios seguros a corroborá-la. Em prol desta teoria, chamo a atenção para o segmento circular com orifícios do espólio da sepultura 5 de Los Millares (Est. 9, Sep. 2). Outro objecto semelhante foi encontrado na sepultura 7 (Est. 7, Sep. 1, N.º 45). Ambos pertencem, pois, ao primeiro grupo da necrópole. São de marfim e, em nossa opinião, representam a imitação de um machado de cobre de tipo egípcio. Esta arma foi engastada num bastão e ligada com êle pelos orifícios.

No Egipto, essa arma começa por aparecer na quinta dinastia, para desaparecer antes da duodécima. Perdura, portanto, no período que vai desde dois mil e quinhentos anos até dois mil e cinqüenta anos a. C. Se compararmos o exemplar de Los Millares com formas egípcias, poderemos concluir que aquêle deve ter pertencido ao último período desta época, ou seja, cêrca do ano dois mil e cem a. C. A sepultura 5, tal como a 7, conteve cinqüenta inumações, pelo que é lícito admitir que tivesse sido utilizada durante um longo espaço de tempo, embora ignoremos qual o momento preciso da deposição do objecto descrito. Porém, o pequeno ídolo da sepultura 7 (Est. 7, n.º 51), comparável aos ídolos do *tholos* de Kumasa (Mesará), na ilha de Creta<sup>(11)</sup>, pode indicar uma data ainda anterior à que se obteve a partir da analogia egípcia. Os vasos pintados (Est. B) dão-nos outra possibilidade de comparação com o Oriente. Assim, a pintura de motivos claros sôbre fundo escuro poderia também considerar-se contemporânea da técnica análoga do Mediterrâneo oriental. A expansão desta técnica ocorre na transição da primeira para a segunda época minóica, ou seja, por conseguinte, entre o terceiro e o segundo milénio a. C. Esta data, um pouco posterior à anteriormente fixada, ajusta-se ao facto de que as sepulturas onde aparecia maior número de vasos pintados, têm em parte afinidades com os grandes *tholoi* minóicos e, por outro lado, apresentam influências da arquitectura de Los Millares e reflexos do círculo cultural português, pelo que também podem ser posteriores às primeiras sepulturas de Los Millares.

---

*quity* 6, 1932, pág. 185; e V. G. Childe, «Chronology of Prehistoric Europe», a *Review. Antiquity* 6, 1932, pág. 206.

<sup>(11)</sup> M. Ebert, *Reallexikon der Vorgeschichte*, 1924, tómo 7, Est. 44.

Uma data mais antiga para Los Millares explica-nos as várias afinidades reconhecidas entre esta cultura e a de Palmela e permite que perguntemos: Teriam as culturas de Los Millares e de Palmela sido em parte coevas, a-pesar-de algumas diferenciações culturais que se podem, aliás, considerar particulares e étnicas?

Ao passo que é possível fixar com certo rigor a cronologia das culturas litorais, comparando-as com as do Mediterrâneo oriental, a cronologia dos monumentos megalíticos é mais discutida. A teoria antigamente aceite colocava muitas destas sepulturas no fim do neolítico. Hoje, porém, existe uma tendência para as considerar tôdas da época do bronze. Entre estas duas teorias há algumas intermédias, na maioria subjectivas e incertas, pois que em muitas regiões a exploração da cultura megalítica não terminou ainda.

O povo da cultura megalítica, como já vimos, liga-se a camadas culturais mais antigas, bem como aos agricultores do neolítico e aos povos caçadores do mesolítico. Encontra-se numa mais íntima relação com a terra onde vive do que os colonos das regiões marítimas e, por isso mesmo, é de carácter conservador. Verificamos ainda que, quanto mais nos afastamos dos centros culturais da costa marítima para o interior, tanto mais nos falta a possibilidade de estabelecer comparações com o Oriente e, concomitantemente, maior é o perigo de que o aspecto neolítico do espólio nos possa desorientar quanto à verdadeira cronologia das culturas do interior, como se deu, por exemplo, com os conhecidos dólmenes de Alvão.

Creio que o problema mais instantâneo é, nesta altura, o de concluir a investigação dos elementos culturais do período megalítico, pois só a partir d'êles se poderão resolver com êxito as questões cronológicas.

Tal como em Portugal, as regiões principalmente ocupadas pelo povo megalítico no Leste da Península encontram-se não próximo do Oceano nem tão pouco nos terrenos baixos da foz dos rios mas nos planaltos adjacentes. Na necrópole de Los Millares, assim como no vale do Guadalquivir, a sepultura megalítica aparece apenas isolada entre as cúpulas.

A principal região megalítica do Sueste é a dos planaltos situados perto de Guadix. Nêles, os rios estão como encravados em vales profundos e as sepulturas, situadas quer nas orlas das gargantas, quer sôbre pequenas chãs a meia altura dos barrancos, apresentam muitas vezes quadros fantásticos. As pequenas câmaras estão reunidas em grupos; as grandes dispersam-se entre aquelas. De tôdas, a entrada é voltada de preferência para Sueste. No vale

do rio de Gor, as sepulturas encontram-se, conseqüentemente, sobretudo na margem ocidental. As sepulturas do barranco estão encravadas no declive e muitas vezes o eixo longitudinal da câmara é paralelo à vertente (Est. C, 1). A altura das câmaras em caso nenhum é igual à dos grandes dólmenes portugueses, bem conhecidos das pitorescas paisagens do Alentejo (Est. D, 1), pois o máximo que atinge são dois metros. A profundidade das sepulturas no terreno varia e nem sempre pode ser tomada como indício duma época avançada, embora tal fôsse a teoria anteriormente aceite. Na região do Sueste, trata-se duma afinidade com tipos arquitectónicos anteriores, isto é, a cista de lages e a rotunda baixa do neolítico. Muitas sepulturas, mesmo das maiores, são totalmente encrustadas no solo e contiveram por vezes espólios de carácter neolítico, como prova a sepultura 1 da Cuesta de Guadix (Est. C, 2), que conteve uma pequena faca, um machado e um bracelete de concha. Esta característica da construção conserva-se por todo o período de Los Millares até à época de El Argar, especialmente nas sepulturas de plano rectangular, construídas com numerosas lages (Est. 13, Sep. 1; Est. 12, II, coluna A, 1).

Na estampa 12, II podem-se apreciar esquematicamente todos os tipos de plantas das sepulturas megalíticas do Sueste. Na coluna F vêem-se formas análogas do Sudoeste. É uma questão importante também para Portugal saber se, a-pesar-das diferenças já citadas, existem afinidades de plano e de construção entre o Leste da Península e Portugal, afinidades que permitam admitir contemporaneidade entre as formas análogas. A possibilidade de estabelecer relações entre algumas destas formas e Los Millares facilitar-nos-ia a avaliação da cronologia das sepulturas megalíticas de Portugal.

A câmara de plano poligonal (coluna B, 8-10) é rara no Sueste e encontra-se documentada nesta região pelo menos a partir da primeira época do vaso campaniforme. É sempre de menores dimensões do que as câmaras semelhantes de Portugal. E, mais freqüentemente do que a rotunda de forma pura, encontram-se variantes do plano trapezoidal e rectangular, que demonstram a influência da câmara redonda. Há ainda a notar que em Portugal também, quanto mais nos desviamos do círculo cultural caracterizado pelo ídolo achatado de xisto e da ponta de seta de base côncava, tanto mais os planos dos monumentos megalíticos tendem por um lado para a galeria coberta e, por outro para as formações rectangulares (Est. 14, 1). Por isso, e porque o primitivo material das culturas megalíticas tanto do Leste como do Oeste da Península tem sido até agora encontrado sobretudo em pequenas câmaras alon

gadas e rectangulares, não parece inverosímil supor que, em tôda a Península, as formas poligonais possam documentar transformações posteriores de formas megalíticas já existentes. Também no Sueste, o ídolo achatado pertence à cultura das sepulturas redondas.

Entre as sepulturas maiores do Sueste, as largas câmaras construídas com muitas lages delgadas e estreitas demonstram a influência da arquitectura almeriense. A câmara trapezoidal, erigida com pedras mais tôscas e de feição mais megalítica aparece já na primeira época de Los Millares e perdura até à época do bronze. É uma das formas mais freqüentes no Sueste. A pequena galeria destas sepulturas corresponde possivelmente ao átrio das de cúpula, ao passo que a antecâmara e parte da galeria se fundiram com a câmara, formando um único compartimento alongado. Dêste, o trôço interior é às vezes coberto por uma grande lage, à qual se seguem outras várias mais pequenas. Tal esquema leva-nos a supor que se não tivesse perdido ainda totalmente a idéia da repartição original, o que é ainda corroborado pelo facto de que a altura do compartimento, no trôço correspondente à primitiva câmara, é, além disso, nalguns casos maior do que a da entrada. Isto ora é obtido por blocos sobrepostos no fundo da câmara, como na sepultura 7 de Fonelas (Est. 13, Sep. 1: Est. D, 2), ora simplesmente pela maior altura dos blocos do extremo interior. Neste género de sepulturas, o aspecto exterior da cobertura faz lembrar um escadório. Êste tipo architectónico encontra-se também na costa atlântica da Galiza (Est. E, 1; Est. 14, 1 b). No entanto, Martins Sarmiento e Alves Pereira encontraram várias construções análogas no Minho<sup>(12)</sup>. Pertence ao número destas o bem conhecido dólmen de Barrosa, perto de Âncora (Est. 14, 1 d). O espólio da citada sepultura de Fonelas é da época da sepultura algarvia de Marcela. Em posição normal ao eixo da câmara, encontram-se por vezes duas lages bem distintas formando uma parede, lages essas que se podem relacionar com as do orifício que fechavam a entrada da câmara (Est. 12, II, fila 2)<sup>(13)</sup>. Já me referi há alguns anos a tais construções. Ora tal acentuação da parede da entrada encontra-se também em câmaras

---

(12) Diários manuscritos de Martins Sarmiento, Guimarães. *O Arch. Port.* VII, págs. 193 e seg.

(13) Georg Leisner, «Puertas Perforadas en Sepulcros Megalíticos de la Península Hispánica». In: *Corona de Estudios que la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria dedica a sus Mártires*. Madrid, 1941, pág. 107.

poligonais. Na costa atlântica há tendências análogas, embora neste caso a câmara seja geralmente curta e larga.

A câmara de um plano absolutamente rectangular é muito mais frequente no Sul e no Leste do que no Oeste, o que representa uma ligação com formas dolménicas da África. Entre as câmaras rectangulares, são notáveis algumas da necrópole de Alicun, construídas com quatro lages, tal como a célebre Cueva de Viera, perto de Antequera (Est. 12, II coluna D 2. F 2). Do mesmo modo se podem considerar importantes as câmaras construídas com sete pedras (coluna B 2), tipo predominante nas necrópoles de Los Eriales e de Montefrio, nas quais a parede da entrada é muito acentuada e que assim contrastam com as construções dos Pirinéus, cujas paredes se acentuam lateralmente. Estas formas são já em grande parte da época do bronze. Por fim, são notáveis as pequenas câmaras quasi rectangulares (Est. 12, II coluna D 3.4), nas quais as paredes formam um afunilamento com a galeria. Estas últimas câmaras estão dispersas sobretudo nas zonas periféricas e poderiam ser consideradas provenientes da redução da grande galeria trapezoidal ou ainda, como a primeira variante da cista neolítica, sob influências poligonais. No entanto, já há formas semelhantes, embora sem corredor, entre as cistas da cultura neolítica dos Pirinéus. Entre as sepulturas megalíticas do Sueste da Península, as referidas e algumas das rectangulares são as que conservam um espólio mais arcaico, isto é, machados na maioria de pedra, micrólitos e pequenas facas.

Na estampa 14 estão reunidas as plantas e os alçados de alguns dólmenes da costa atlântica semelhantes aos tipos que acabamos de descrever: além dos já citados da Barrosa e de Erbellido, o dólmen de Dombate, na Galiza, e a orca da Cunha Baixa, na Beira Alta, êstes últimos semelhantes entre si, com câmaras quasi rectangulares e a parede da entrada construída com fortes pedras dispostas transversalmente. A fotografia (Est. E, 2) mostra aquêle por menor architectónico do dólmen da Cunha Baixa.

O espólio das sepulturas megalíticas do Sueste não revela uma continuidade cronológica indiscutível. Faltam-lhe, sobretudo, os elementos complementares duma unidade étnica independente das culturas adjacentes. Duma maneira geral, a indústria da pedra polida é mais rara do que na cultura de Almeria; a conservação dos micrólitos até períodos avançados liga os povos do período megalítico, como sucede em Portugal, aos do mesolítico. O aparecimento da ponta de seta pedunculada, assim como, na architectura,

o das formas rectangulares, revela afinidades com os círculos culturais de África. A cerâmica assemelha-se em parte às formas da cultura de Almeria e, por outro lado, à de Los Millares. A cerâmica decorada é rara <sup>(14)</sup>; encontram-se, no entanto, em algumas necrópoles, vasilhas com finas incisões cruzadas, tijelas feitas de gesso, ornamentadas e parcialmente coloridas (Est. 13, Sep. 2, n.ºs 16-20) e colos de gesso coloridos, sobrepostos em vasos (Est. 13, Sep. 2, n.º 15; Sep. 3). Encontrou-se também um colo análogo na sepultura de Marcela e vasos com perfis para receber tais colos na sepultura 5 de Alcalá, no dólmen de Cabeço dos Moinhos e numa sepultura de Mértola, no Alentejo.

As formas dos micrólitos são, em seu processo evolutivo, semelhantes às de Portugal. Aparecem também pontas de seta de base côncava com a forma portuguesa assim como as formas de Los Millares. Exemplos de formas exageradas (Est. 15, Sep. 2), raros em Los Millares, foram algumas vezes retirados de câmaras megalíticas que, pelas formas dos instrumentos de cobre, denunciam já o início da época do bronze. Outros espólios (Est. 15, Sep. 1), estes provenientes duma câmara poligonal, confirmam pela falange ornamentada e pelo ídolo de pedra (Est. 15, Sep. 1, n.ºs 24 e 26) a teoria anteriormente estabelecida de que sepulturas desta forma são contemporâneas das da primeira fase de Los Millares. Há pouca cerâmica do tipo campaniforme e a que se encontra pertence ao tipo mais avançado.

O centro da extensa galeria coberta encontra-se no Sudoeste. Como já vimos no quadro dos tipos arquitectónicos, é possível distinguir ainda nas galerias do Oeste as mesmas diferenças de plano que existem nas câmaras do Leste. Aparece a galeria com a câmara rectangular e quadrada (Est. 12, II, coluna F) e uma câmara poligonal, cujo plano é semelhante ao das portuguesas mas que está também encravada numa excavação feita na rocha (Est. 14, Sep. 2). O espólio desta última sepultura é pobre, mas é já duma fase avançada da época do cobre. Pelo contrário, a galeria curta com câmara oblonga é do tipo conhecido da célebre Cueva de Menga. É uma das poucas sepulturas megalíticas que, pelas suas proporções gigantescas, assume um aspecto artístico, mesmo na arquitectura do interior.

Já me referi num trabalho recente a uma sepultura análoga, embora de dimensões menores, encontrada por mim no Alentejo. Este tipo de cons-

---

(14) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber . . .*, pág. 508; Est. 154, 1 e 2.

trução aproxima-se da sepultura de Los Millares pelo emprêgo das colunas e foi possivelmente contemporâneo do final do primeiro período desta cultura. Do mesmo modo, há outras galerias cobertas de menores dimensões, como o dólmen de La Cañada del Carrascal, perto de Sevilha, dólmen que conteve uma inumação com vasos campiformes e um punhal de cobre pertencentes a uma época avançada. Estas grandes galerias continuaram a ser construídas mesmo durante parte da época do bronze, como o prova o dólmen de Soto, com gravuras esquemáticas dêste período e representações de punhais de cobre nas paredes, que, estando em camadas não revolvidas, devem pertencer à época das inumações. Na galeria, ainda se pode reconhecer a mesma subdivisão em átrio, câmara central e antecâmara, como nos corredores das cúpulas. Isto constitue outra prova de que o dólmen deve ser posterior àquelas. Julgo também que as cúpulas com galeria megalítica talvez não sejam testemunhos duma fase evolutiva mas sim formas intermediárias. Esta minha opinião baseia-se também no espólio de Alcalá 4, que tem afinidades com a segunda época de Los Millares.

Por fim, é preciso observar, se bem que rapidamente, a província de Córdova. Situada no meio das culturas do Oeste e do Leste, as suas sepulturas poderiam servir de apoio à teoria de Bosch-Gimpera duma emigração do povo megalítico português para o Leste<sup>(15)</sup>. Pode concluir-se o seguinte: os tipos das sepulturas de Córdova têm mais afinidades com a arquitectura do Sul e do Leste do que com a do Oeste. Falta a alta câmara poligonal do Alentejo. Além de pequenas galerias encontram-se também tipos de sepulturas paralelos quer da cultura de Almeria e relacionáveis com as numerosas representações do ídolo almeriense sôbre as rochas, quer com a do Algarve. O espólio da sepultura de tipo almeriense de El Minguillo comprova estas diversas influências. Assim, continha uma alabarda de sílex semelhante às formas algarvias, pequenas pontas de seta com base côncava e recta, também aparentadas com as do Oeste, e cerâmica ornamentada do tipo da das grutas. Creio, no entanto, que devemos pensar não em emigrações mas, em parte pelo menos, em relações comerciais. Talvez a riqueza mineira, em especial de prata, trouxesse gente de tôdas as partes para estas regiões montanhosas. Os restos dos povos antigos, conservando-se no interior do país, talvez tivessem

---

(15) Georg Leisner, op. cit. (*Ethnos*, II, 1942).

comparticipado na criação das formas microlíticas da ponta de seta de base côncava. E já vimos antes que a sua exclusiva proveniência portuguesa é discutível.

Visto ainda não terem sido feitas escavações nas pequenas galerias da zona montanhosa a norte de Córdoba, ainda se não pode decidir se deverão ser atribuídas a uma camada mais antiga da população megalítica ou se remontarão, como o prova a presença de espólios da época do bronze em sepulturas de forma idêntica da província de Cádiz, à época das grandes galerias ou até depois.

A respeito das culturas megalíticas do Sueste, muitos problemas estão também ainda hoje por resolver.

Em favor duma evolução no Sueste independente da do Ocidente, depõe o facto das sepulturas daquela região se afastarem das do Ocidente nalguns traços essenciais das plantas e dos alçados; a-pesar-disso, podem-se observar fenómenos semelhantes na evolução morfológica das sepulturas e dos espólios, que permitem admitir um desenvolvimento paralelo das culturas ocidentais e orientais.

As escavações de Siret não forneceram material suficiente para que se obtenha uma imagem unívoca duma fase verdadeiramente neolítica e se saiba com certeza quando se deu o início das culturas megalíticas do Sueste. As pequenas formas tumulares anteriormente descritas, que se mantiveram nas regiões periféricas até à época do bronze, encontravam-se muitas vezes sem espólio. A falta ou a escassez da cerâmica em sepulturas que só continham micrólitos é notável e parece indicar um estágio neolítico; por outro lado, aparecem nelas ainda, embora esporadicamente, objectos pertencentes à cultura neolítica de Almeria. Dúvidas suscita-as o facto de que tôdas estas pequenas sepulturas têm também corredor, ao passo que o material exclusivamente neolítico, pelo que se sabe até agora, só se encontra, tanto no Leste como no Oeste, em sepulturas sem corredor.

No número das semelhanças com Portugal na construção megalítica, que antes citámos, deve contar-se ainda o aparecimento de formas e tendências poligonais. A manutenção de formas fundamentais da cerâmica de Almeria nas sepulturas megalíticas, o aparecimento da ponta de seta com espigão e ainda de objectos semelhantes aos da segunda fase daquela cultura são argumentos a favor do que a citada evolução das sepulturas do Sueste

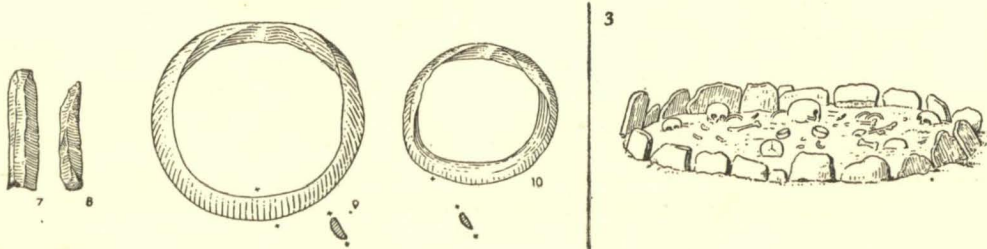
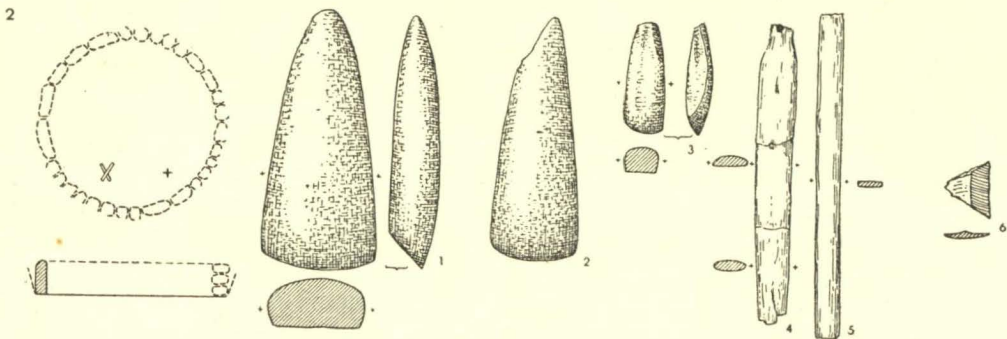
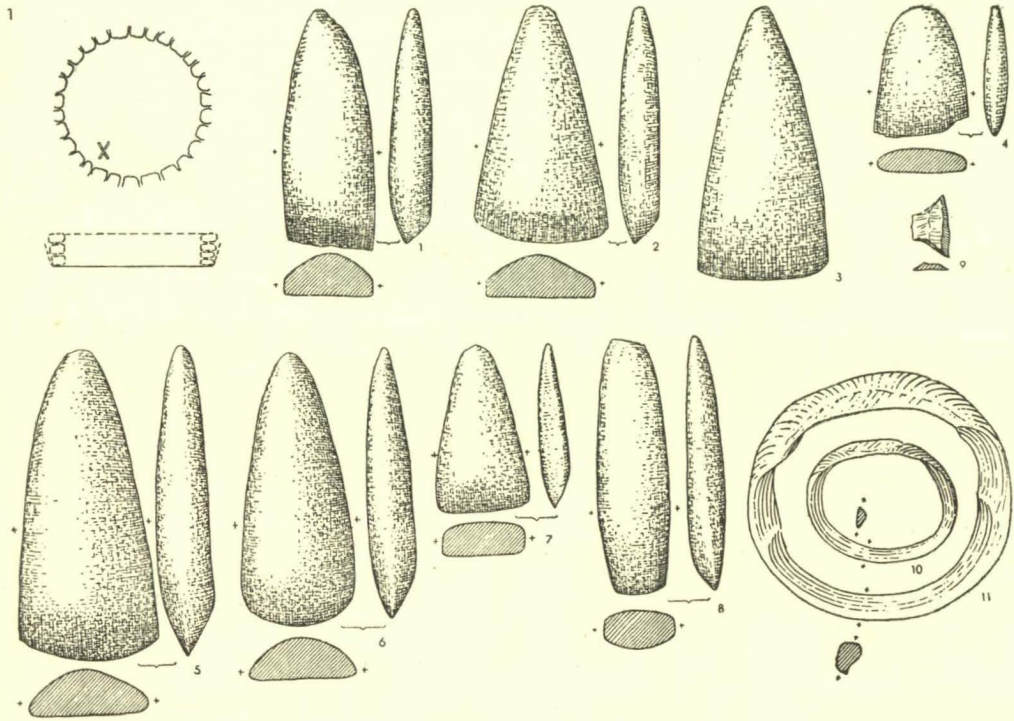
já tenha partido das sepulturas e cabanas redondas dêste povo de agricultores <sup>(16)</sup>.

A resolução dêstes problemas depende do conhecimento da evolução da cultura megalítica portuguesa.

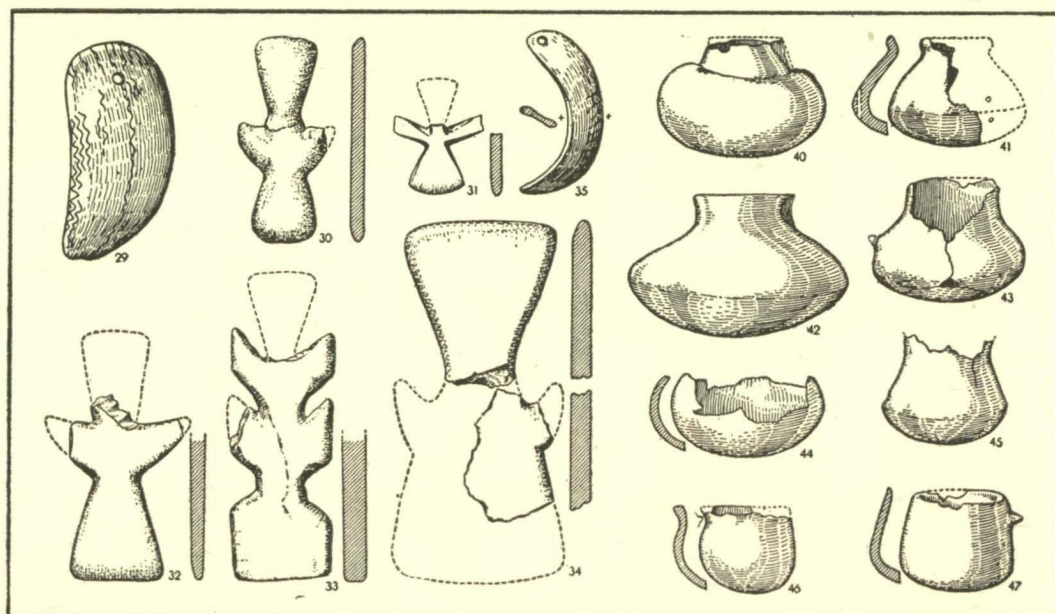
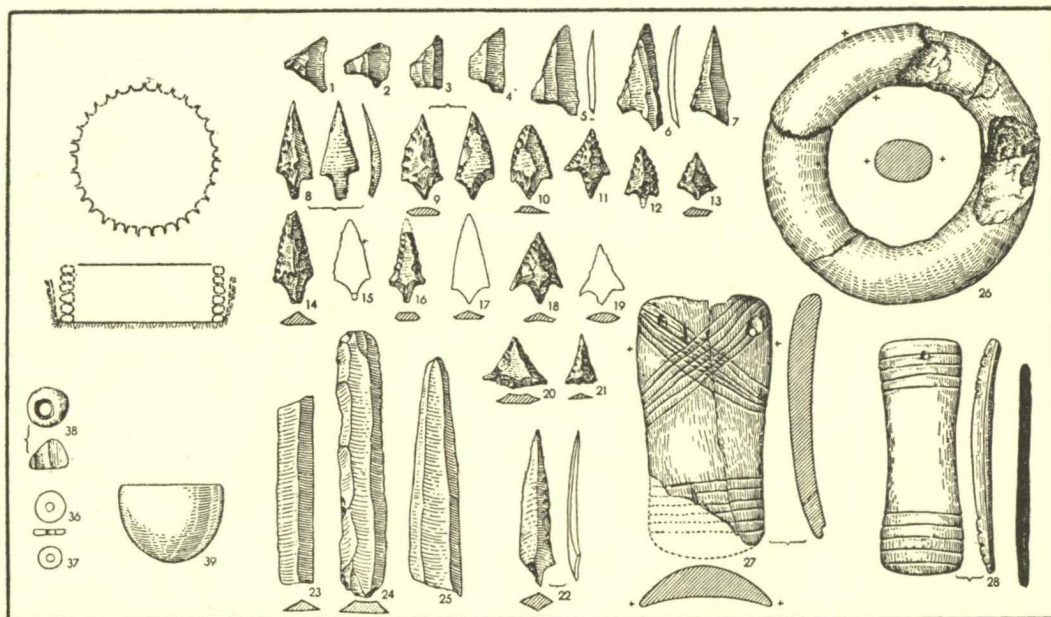
O florescimento actual da ciência prehistórica portuguesa convence-nos plenamente de que ela se há-de conservar sempre digna da notável tradição assinalada até agora por nomes como os de Leite de Vasconcelos, Santos Rocha e Estácio da Veiga, e continuar-nos a dar os elementos fundamentais para a resolução dêstes problemas tão importantes para a Europa inteira.

---

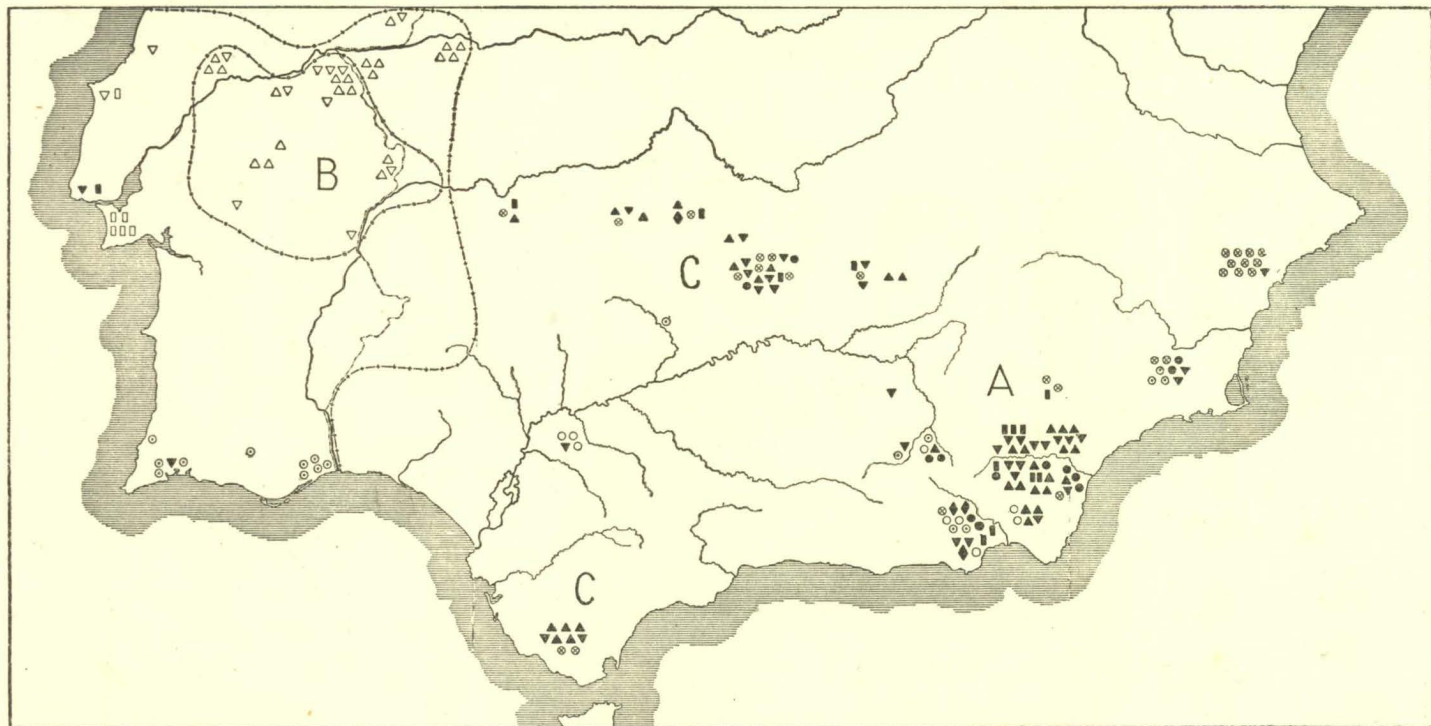
<sup>(16)</sup> Para mais esclarecimentos sôbre êste problema vide Georg e Vera Leisner, *Die Megalithgräber . . .*, págs. 434-36, 463 e 559-564.



Período arcaico da cultura de Almeria. 1 — Loma del Jas, Urracal, Sep. 1;  
 2 — Loma de la Atalaya, Purchena, Sep. 4; 3 — Sepultura redonda da  
 cultura de Almeria segundo L. Siret. Escala = 3:8.



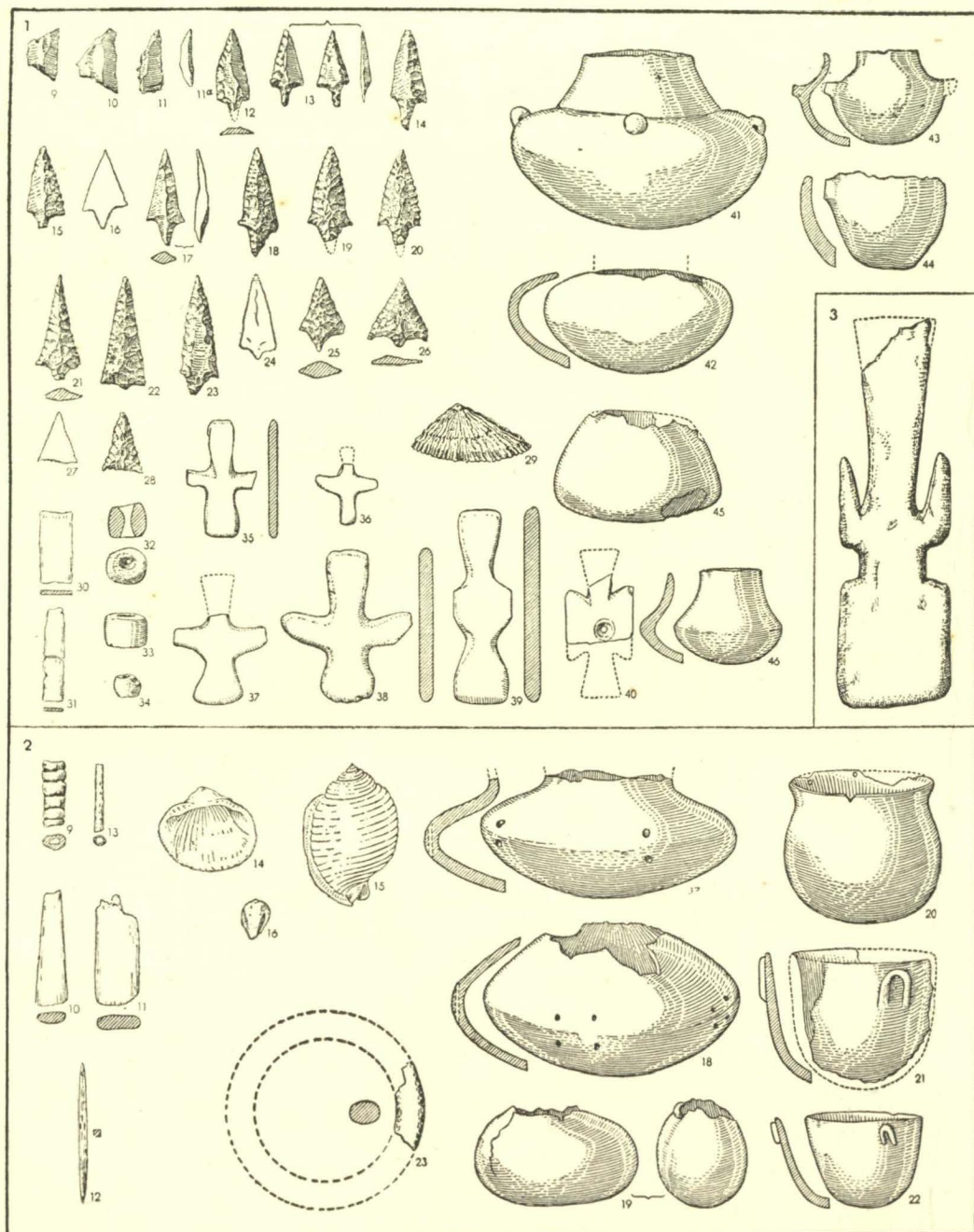
Período avançado da cultura de Almeria. Llano de la Lámpara, Purchena, Sep. 1.  
Escala = 3:8; cerâmica = 1:4; N.º 29 = 3:4



Distribuição do ídolo antropomórfico. A—Ídolos almerienses de pedra e osso;  
 B—Placas antropomórficas de xisto; C—Representações do ídolo almeriense  
 pintadas sobre rochas

—○—○— = Região principal da placa de xisto gravada

—·—·— = Limite da placa de xisto gravada

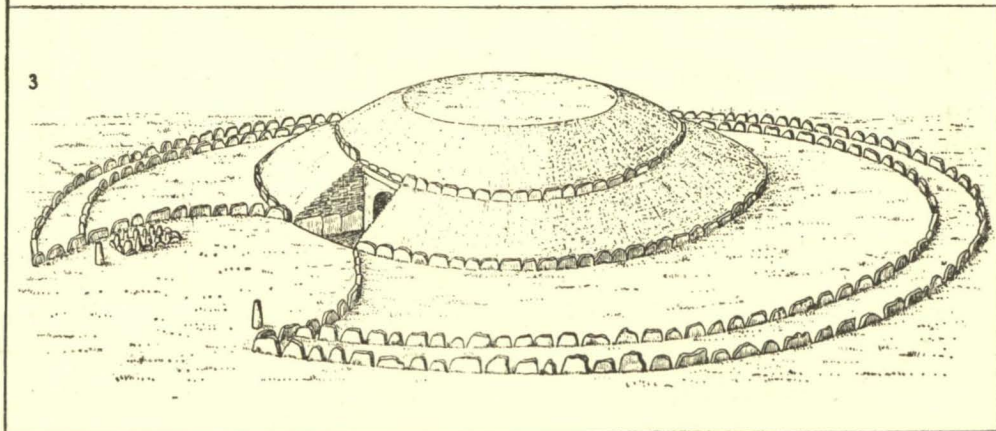
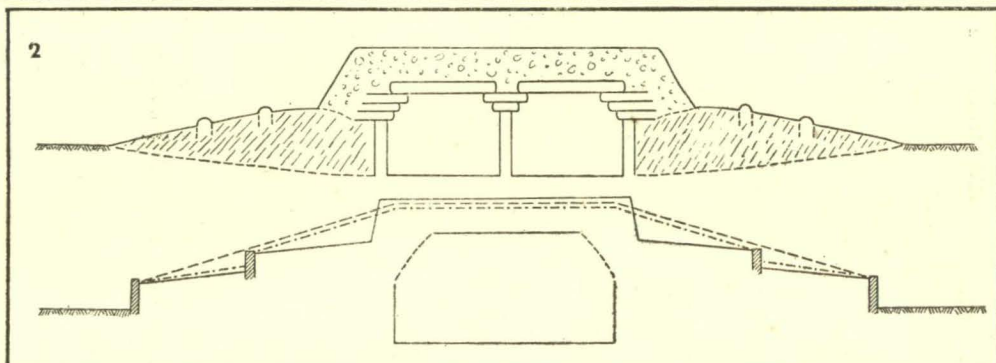
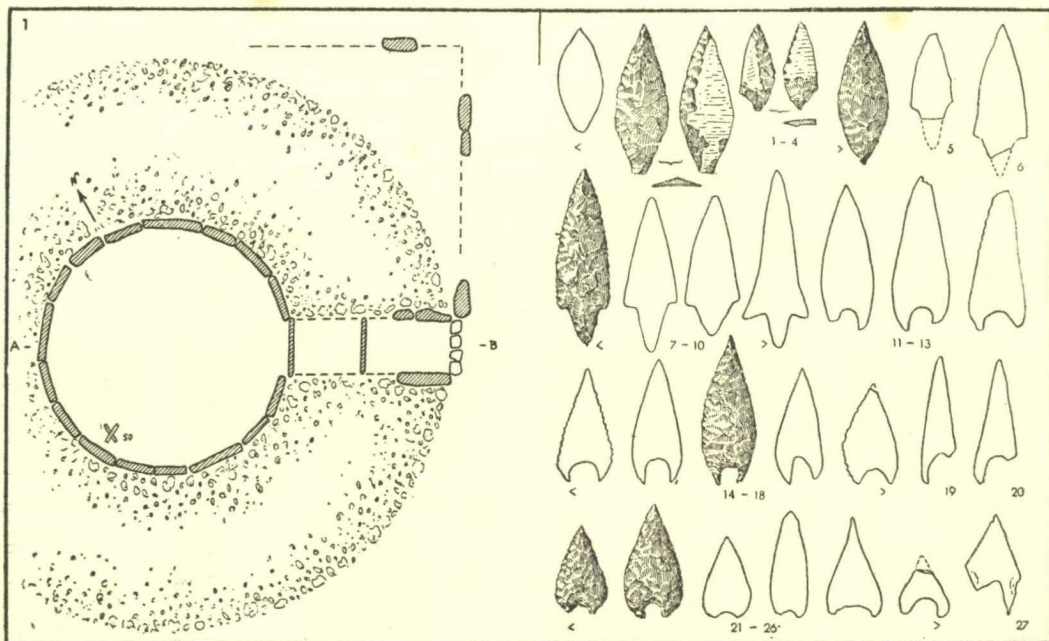


Período avançado da cultura de Almería. 1 — Llano de las Churuletas, Purchena Sep. 3; 2 — Llano de las Churuletas, Purchena, Sep. 1; 3 — Tijola, Purchena (Parte dos espólios). Escala = 3:8; cerâmica = 1:4



*Distribuição das sepulturas de cúpula na Península Ibérica*

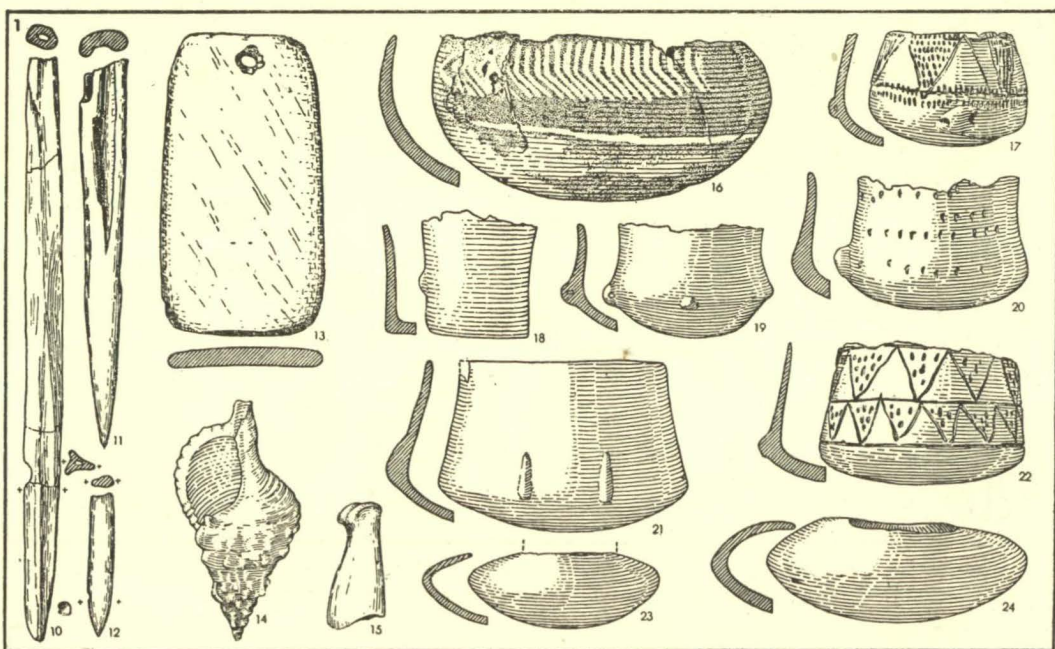
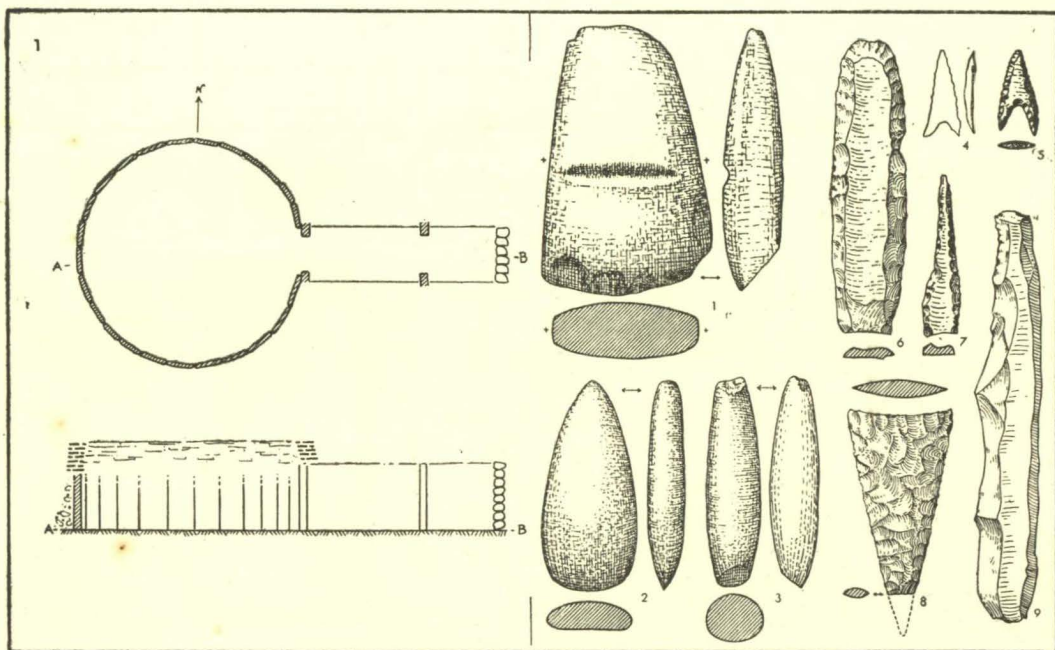
- |   |   |       |                                 |
|---|---|-------|---------------------------------|
| ● | = Sepultura de cúpula                   | ---   | = Região de corredor curto      |
| ⊙ | = Sepultura redonda de corredor, no S E | -.-   | = Região de corredor comprido   |
| ⊙ | = Sepultura redonda de corredor, no O   | -.-.- | = Região das grutas artificiais |
| ⊙ | = Gruta artificial                      |       |                                 |



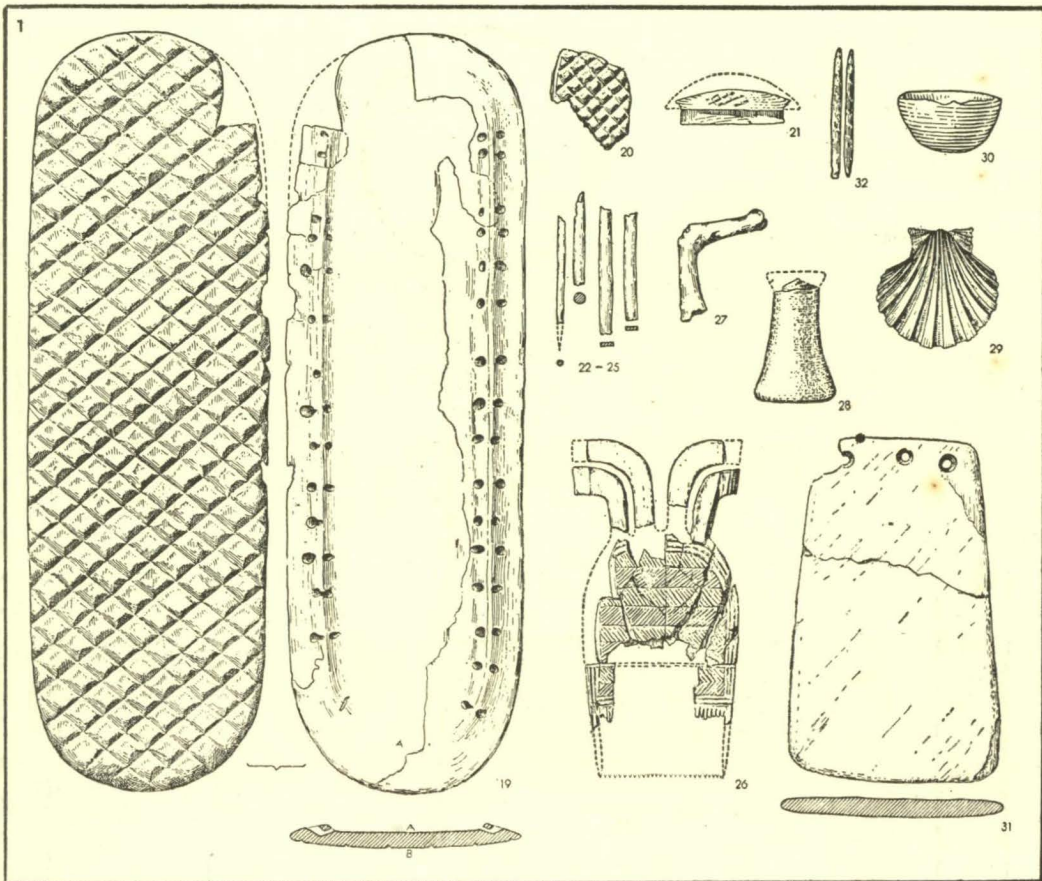
Primeiro período da cultura de Los Millares, 1.<sup>a</sup> fase. 1 — Planta e parte do espólio da sep. 7 de Los Millares; 2 e 3 — Reconstruções segundo os restos das sepulturas de Los Millares. Planta: escala aproximada = 1:130; espólio = 3:8.



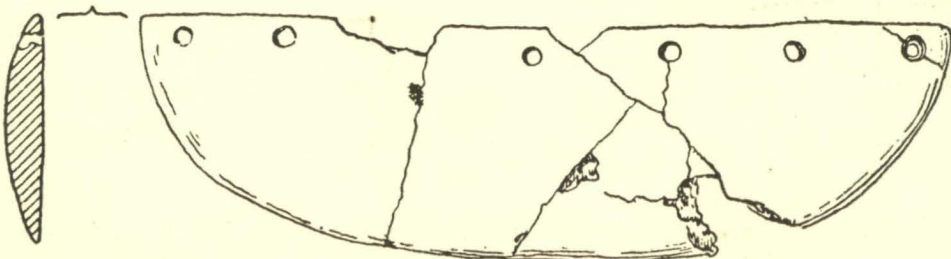
Primeiro período da cultura de Los Millares, 1.<sup>a</sup> fase. Parte do espólio da Sep. 7 de Los Millares. Escala = 3:8; cerâmica = 1:4, N.ºs 65-69, e 71 = 3:8.



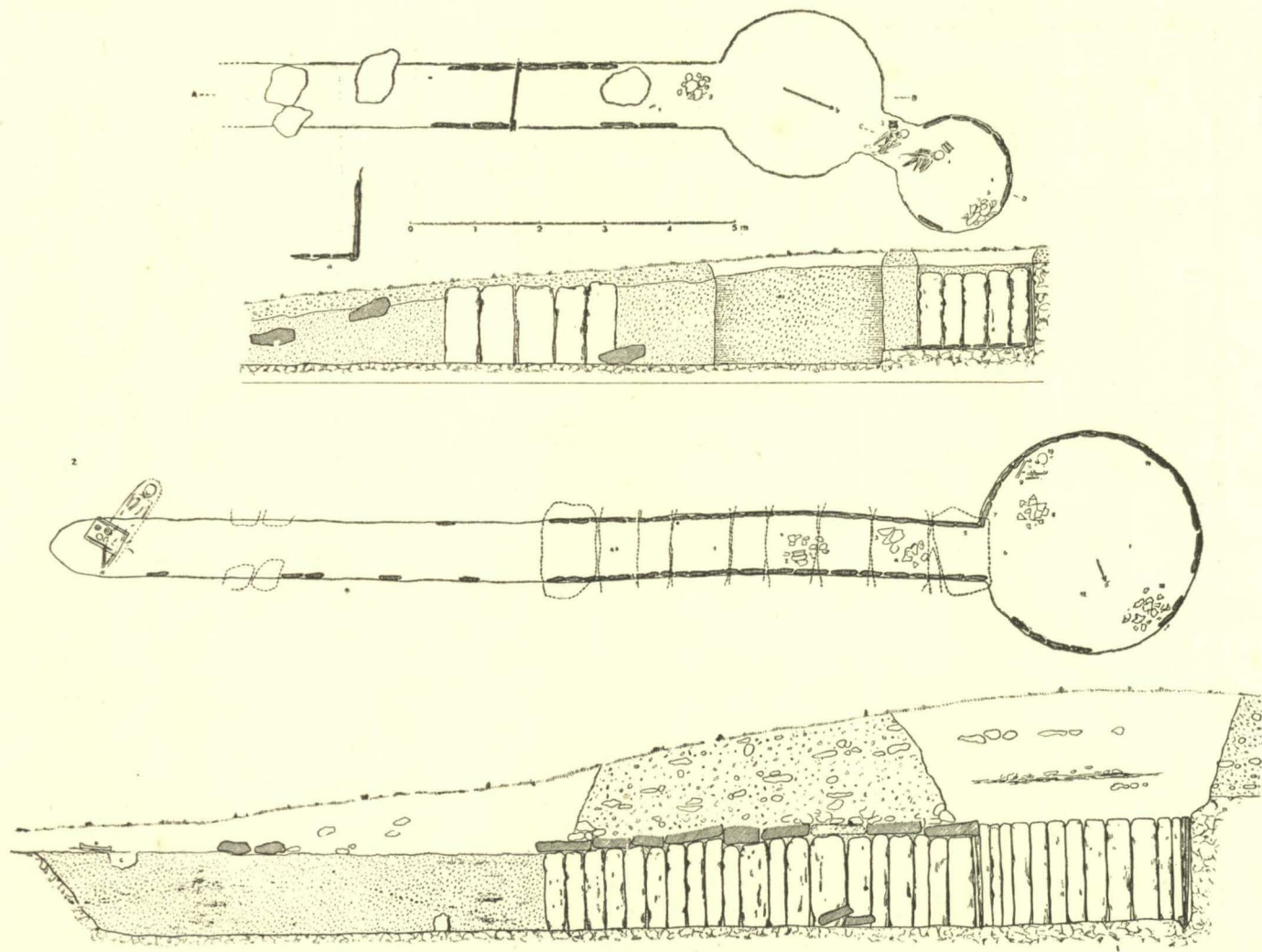
Primeiro período da cultura de Los Millares, 2.<sup>a</sup> fase, mostrando afinidades com a cultura portuguesa. Loma de las Eras, Tabernas, Sep. 2. Planta: escala aproximada = 1:130; espólio = 3:8, N.º 13 = 1:4; cerâmica = 1:4; N.º 16 = 3:8.



2



Primeiro período da cultura de Los Millares. 2.<sup>a</sup> fase. Parte do espólio da Sep. 12 de los Millares, 3:8, N.ºs 30 e 31 = 1:4; 2 — 1.<sup>a</sup> fase. Imitação em osso dum machado egípcio de cobre, da Sep. 5 de los Millares, 1:1.

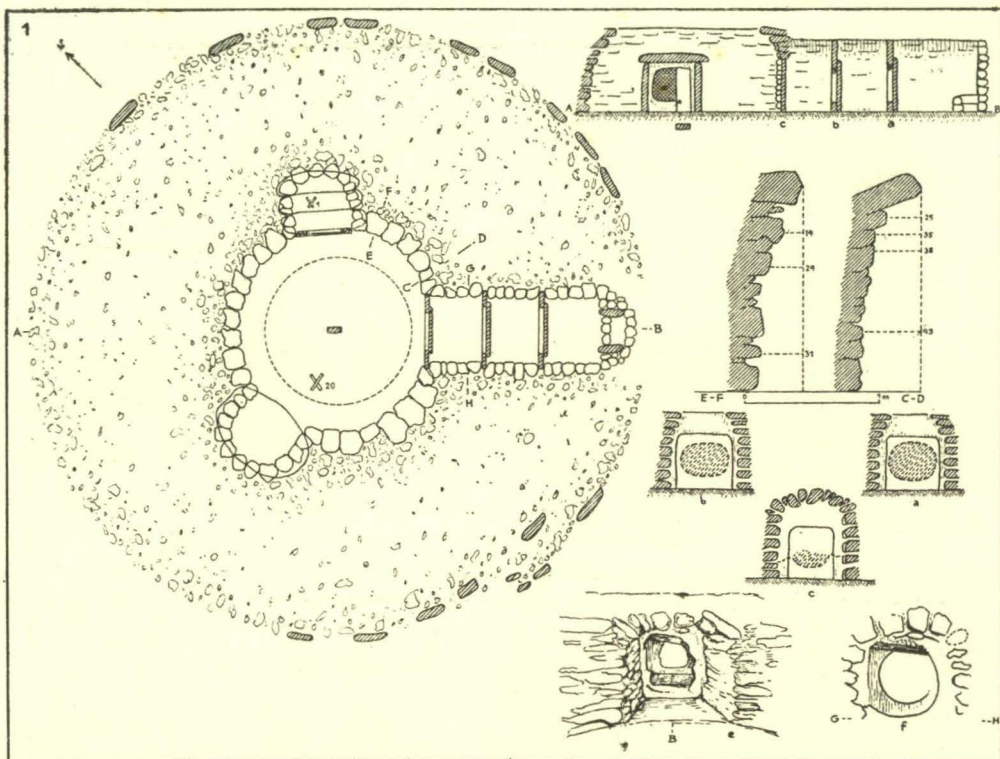


Cultura eneolítica do vale do Guadalquivir. 1—La Cañada Honda, Gandul. Sep. G;  
 2— La Cañada Honda, Gandul, Sep. B. Escala aproximada = 1:100



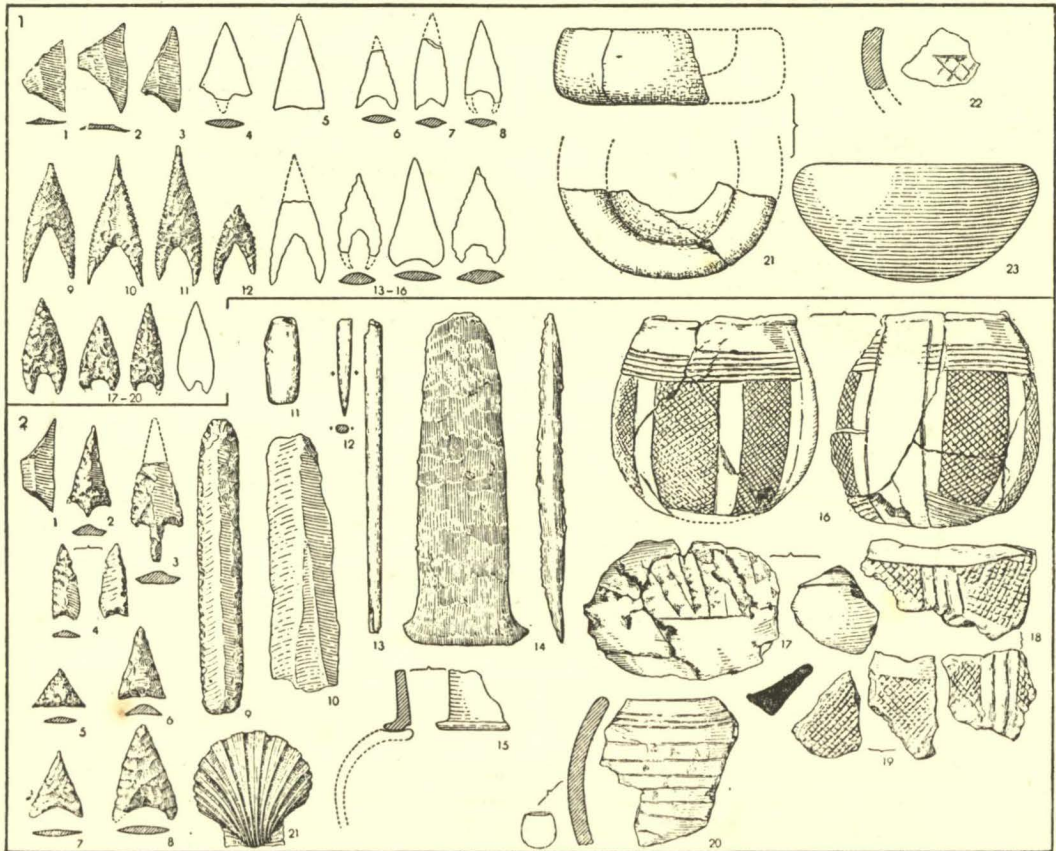
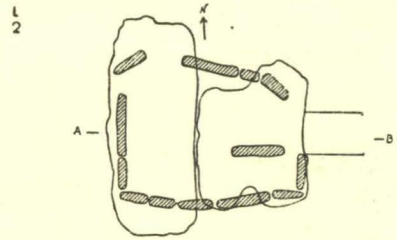
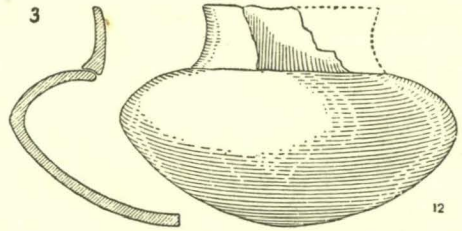
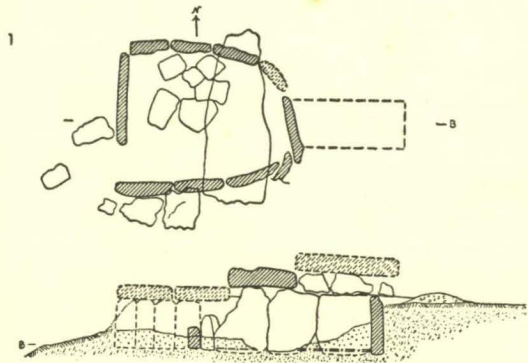
Cultura eneolítica do vale do Guadalquivir. 1—Espólio da Sep. G. La Cañada Honda, Gandul; 2—Espólio da Sep. B—La Cañada Honda, Gandul.

Escala = 3:8, Sep. 1, N.ºs 10-16 = 3:4

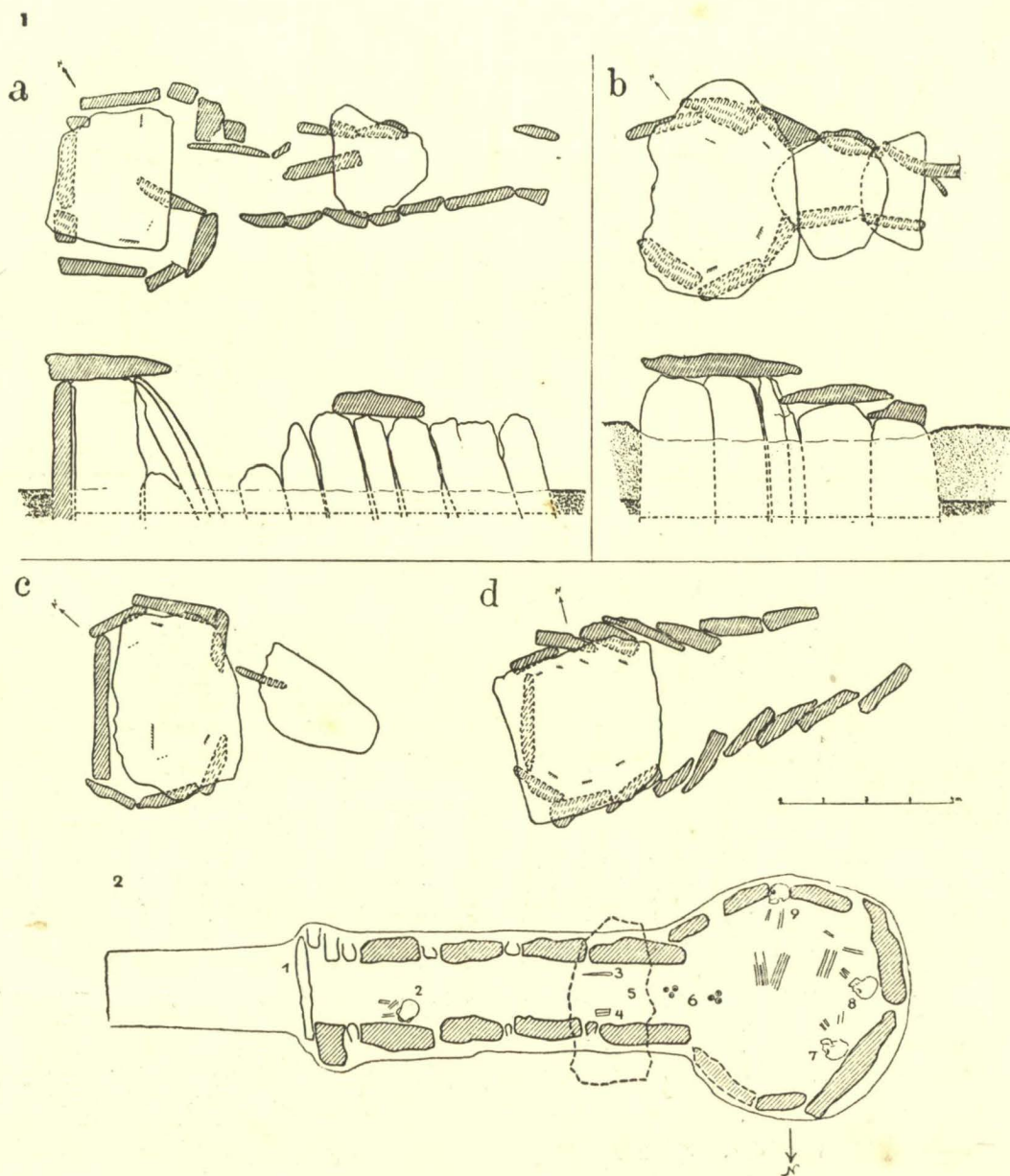


	A	B	C	D	E	F
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10					II	

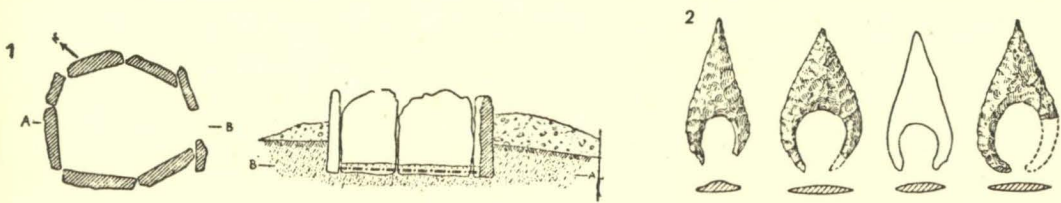
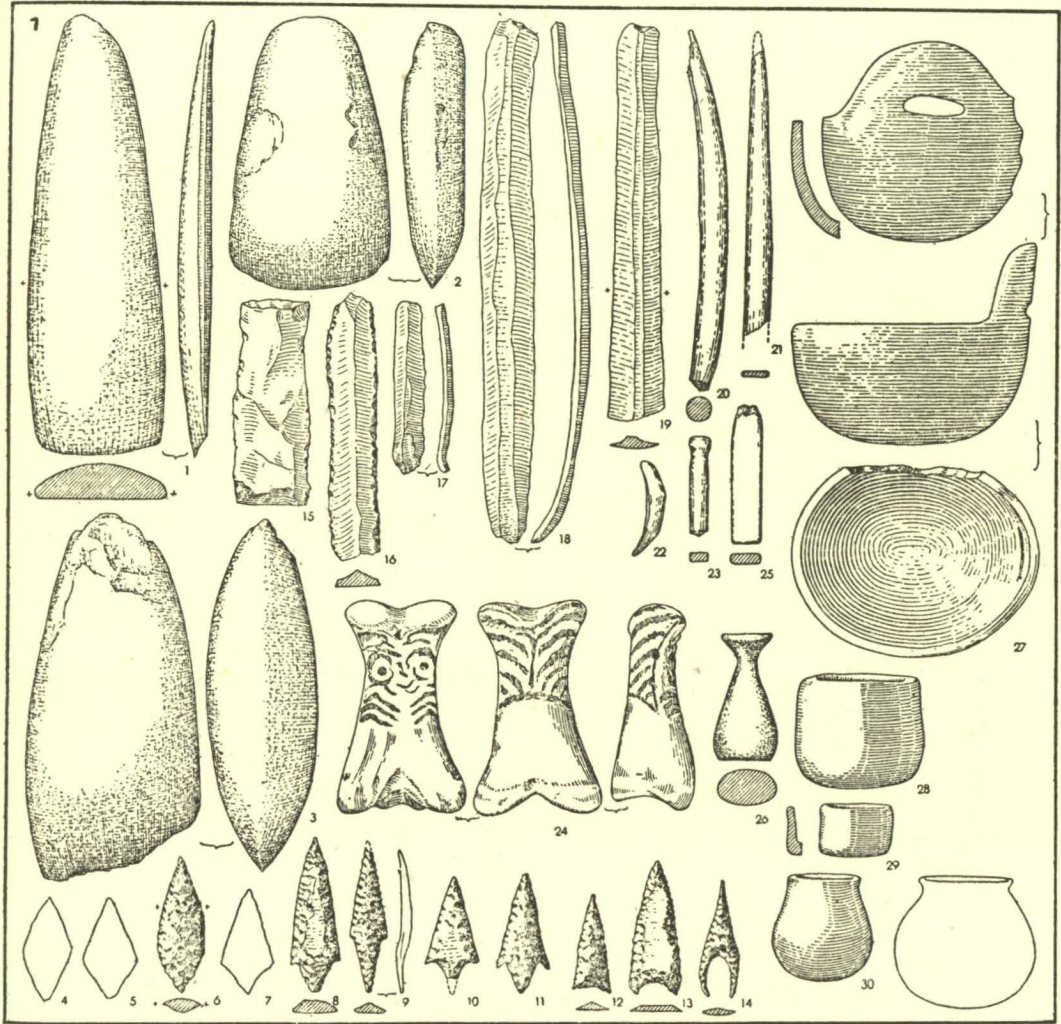
1 — Segundo Período de Los Millares; Planta e alçados da Sep. 24 de Los Millares circa 1:130; 2 — Esquema dos tipos de planta das sepulturas megalíticas do Sul da Península Ibérica



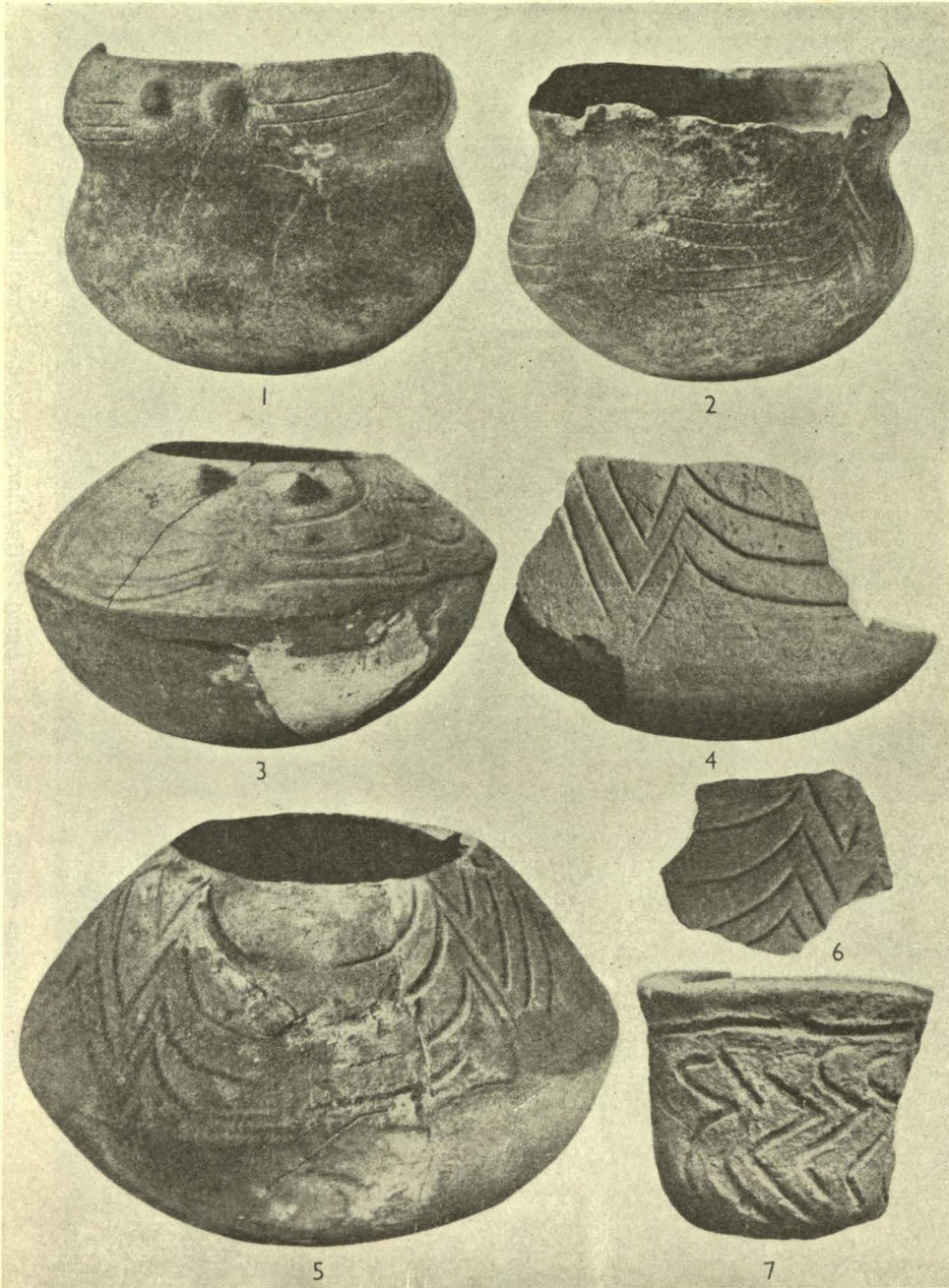
Fase avançada da cultura megalítica do Sueste. 1—Cruz del Tío Cogollero, Fonelas Sep. 7; 2—Cruz del Tío Cogollero, Fonelas, Sep. 10; 3—Vaso de barro com colo de gesso pintado, Llano de la Teja, Fonelas, Sep. 16. Plantas: circa 1:130; espólio 3:8; cerâmica lisa 1:4.



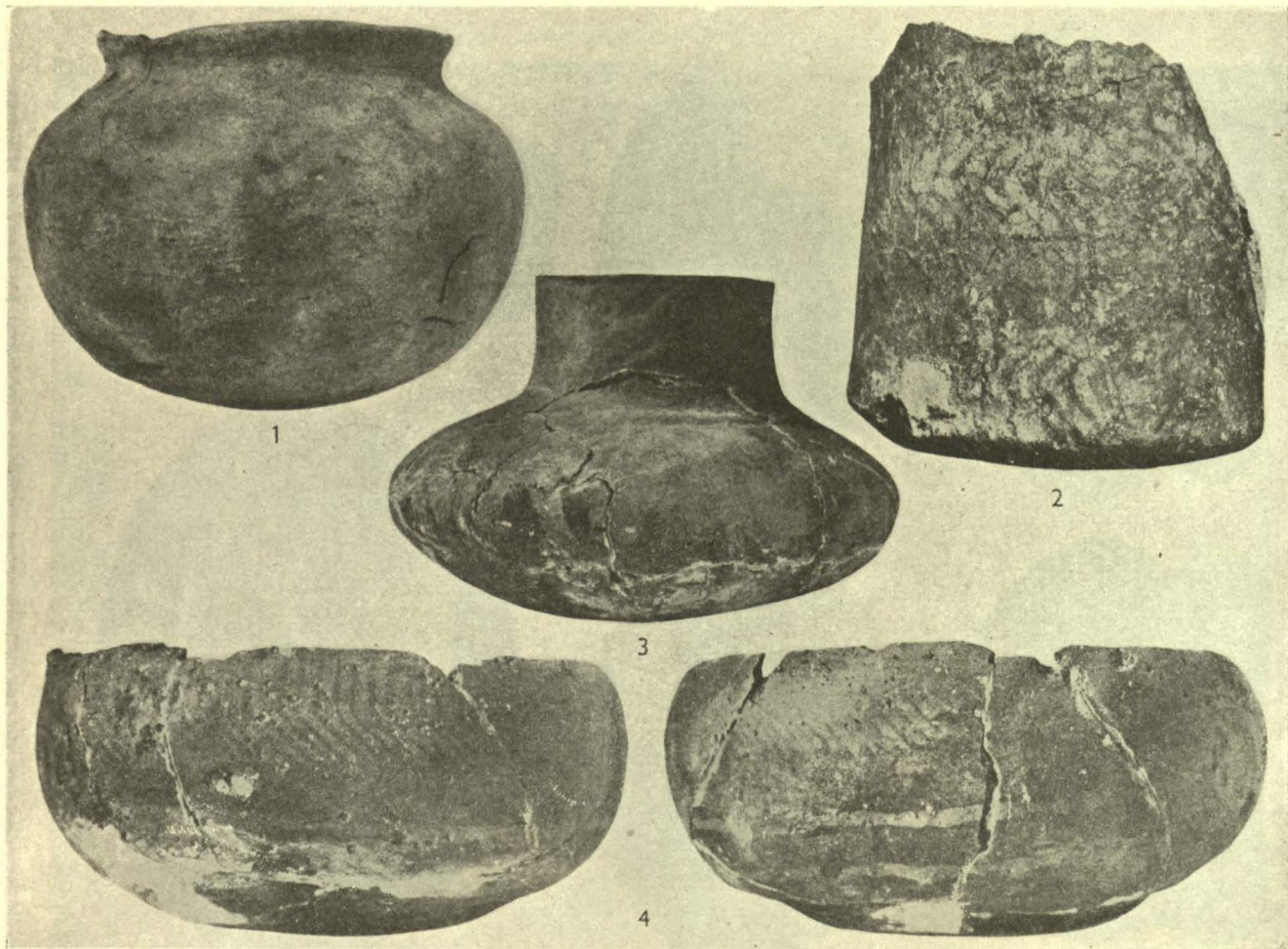
1 — Plantas e alçados de dólmens da costa atlântica. a) Orca da Cunha Baixa, Beira; b) Dólmen de Erbellido; c) Dólmen de Dombate, Galiza; d) Dólmen da Barrosa, Minho. 2 — Cultura eneolítica do vale do Guadalquivir, Tumba del Pedrejon, Gandul. 1:90.



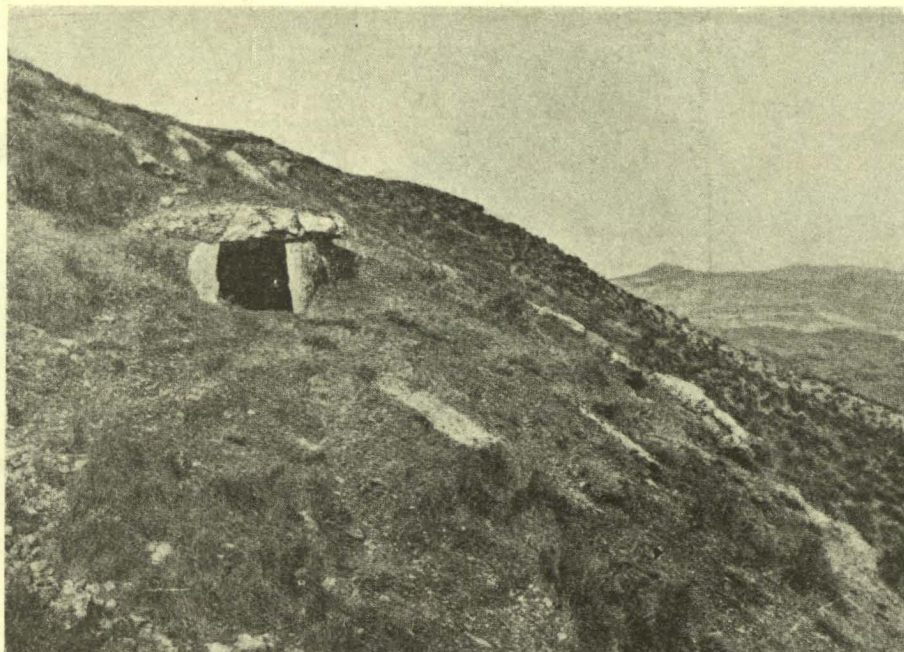
1—Fase da cultura megalítica do Sueste correspondente ao primeiro período de Los Millares. Los Castellones, Rio de Gor, Sep. 19. Planta circa 1:130; espólio 1:4; cerâmica 3:8. 2—Pontas de seta da Sep. Llano de la Cuesta de Almiel 24, Rio de Gor, 1:2.



*Cerâmica eneolítica do Sueste com representações simbólicas 1 e 2 — Los Millares 9; 3 — Los Millares 40; 4 e 6 — Loma de Huechar 2; 5 — Los Millares 16; 7 — Las Viñas 116, Rio de Gor. Escala: N.ºs 1, 2, 3, 5 = 1:2, N.ºs 4, 6, 7 = 3:4*



*Cerâmica eneolítica pintada do Sueste. 1 — Loma de Huechar, Sep. 2; 2 — Loma de Belmonte, Sep. 1; 3 — Los Millares, Sep. 40; 4 e 5 — Loma de las Eras Sep. 2. Escala: N.ºs 1 e 4 = 2:3, N.º 2 = 1:2, N.º 3 = 1:3.*



*Sepulturas megalíticas do Vale do Rio de Gor, Guadix, 1 — Rambla de Lamas, Sep. 1; 2 — Cuesta de Guadix, Sep. 1.*



1—Sepultura megalítica de corredor com câmara alta, do Alentejo, Anta de Silval, Arraiolos; 2—Sepultura megalítica do Sueste, encastrada no solo, Cruz del Tio Cogollero, Fonelas, Sep. 7.



1 — Dólmen de Erbellido. Prov. La Coruña, Espanha; 2 — Orca da Cunha Baixa, Mangualde, Beira Alta.



1 — Pormenor da sepultura de Monge, Serra de Sintra; 2 — Tholos do Barro, Tórres Vedras.

*Contém este volume 21 estampas,  
numeradas de 1 a 15 e designadas  
com letras de A a F.*

*Acabou de imprimir-se aos oito de  
Abril de mil novecentos e quarenta  
e seis, no Regueirão dos Anjos, 68  
Lisboa / Telefone P. B. X. 4 3258*